

## Arthur Azevedo e a “Comédia Carioca”

Arthur *Nabantino Gonçalves de Azevedo* (1855-1908),<sup>1</sup> contista e comediógrafo brasileiro de notáveis talentos, foi uma vítima infeliz das circunstâncias e da moda. Teve a sorte lamentável de ser contemporâneo de Machado de Assis e também de ser o irmão mais velho de Aluizio Azevedo, cujos romances e contos, escritos na veia naturalista tão popular nessa época, ofereciam a críticos literários e ao público leitor a idéia e o orgulho de possuir um Zola nacional. Arthur Azevedo escrevia num momento em que tudo o que não fosse sério, tudo o que não abafasse o público com os perfumes acres da nova Musa Trágica era julgado de ordem secundária e indigno de atenção ponderada. Como escrevesse peças cheias de graça e humor picante, isentas de tese e de amargos pessimismos estilo Ibsen, se compreende logo porquê a sua produção teatral, juntamente com um grande número de seus contos, de pronto sumiu no Limbo das páginas esquecidas.

Desde criança, Azevedo tinha a idéia fixa de ser artista de teatro. Era um sonho destinado a não se realizar. No Brasil daquêl tempo existiam (e com efeito existiram até a poucos anos atrás) opiniões não muito favoráveis a cerca da “gente do

<sup>1</sup> Num de seus contos, *O Númbaro*, Azevedo fez a seguinte referência ao *b* de seu nome: “Eu tive na minha terra uma namorada que escrevia: ‘Meu Artur’. Um dia pedi-lhe que restituísse o *b* a que tinha direito a dignidade orthographica do meu nome, e ella de entao em diante escreveu: ‘Meu Hartur’. Creia que por isso nao desmereceu a moça no meu conceito; quem acabou o namoro foi ella e não eu...”, *Contos Ephemeros*, Rio de Janeiro, Garnier, s.d., p. 24.

teatro” Noções, aliás, que as regiões menos sofisticadas da Europa e Norte-América partilhavam com o Brasil. Não se admira, então, que tal ambição “bohêmia” no filho do vice-cônsul de Portugal fosse considerada uma extravagância. Por outro lado, a dramaturgia era uma via estética à qual ninguém se opunha, e Azevedo, um menino precoce de quinze anos, conformando-se à avença, começou a escrever as suas primeiras peças. Uma destas, segundo afirma Edgard Cavalheiro, teve centenas de representações no Brasil e também em Portugal.<sup>2</sup> Em pouco tempo o ídolo literário do Maranhão, muito moço ainda, e cheio de esperança, apanhou seus manuscritos e seguindo a sua estrela pegou o “ita” rumo à capital.

Azevedo o dramaturgo teve seus momentos de glória. Desde sua chegada no Rio ganhou a estima do público. Suas produções dramáticas brotavam uma depois da outra —*Tribofe, Pum, Véspera de Reis— Amor por anexins, A jóia, O badejo—A Capital Federal, A filha de Maria Angú— Vida e morte—O dote—* e êle chegou a ser a figura central do teatro carioca. Seu nome tinha as propriedades de um talismã mágico. Com o nome dêle no cartaz, o empresário podia contar com um teatro que estourava de tão cheio.

Machado de Assis olhava com interesse e simpatia êste êxito que coroava os esforços do teatrólogo nortista. Machado, porém, tinha o teatro por coisa muito séria. “Tão difficil me parece este genero litterario”, escreveu em carta a seu bom amigo o crítico Quintino Bocayuva, “que, sob as difficuldades apparentes, se me afigura que outras haverá, menos superaveis, e tão subteis que ainda as não posso ver.”<sup>3</sup> Á luz de tais convicções, Machado viu em Arthur Azevedo muito talento literário mas efêmera aptidão dramática. Para Machado, conhecedor do teatro inglês e francês, estas comédias de Azevedo, que espelhavam com humor satírico mas bonachão a fraqueza humana e certos aspetos risíveis do mundo granfino e do mundo burguês, não haviam de esconjurar o caipora que vinha assombrando o teatro em língua portuguesa desde a morte de Gil Vi.

<sup>2</sup> *As Obras Primas do Conto Brasileiro*, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1947.

<sup>3</sup> Machado de Assis, *Theatro*, Rio de Janeiro, W. M., Livraria Martins Editora, 1947.

cente. E assim foi. O público volúvel, farto afinal do teatro nacional, virou mais uma vez a atenção ao estrangeiro. Mas mesmo assim, ao ver-se obrigado a se contentar com o ramo literário menos elegante do conto, Azevedo podia se consolar na lembrança dos sucessos de outrora. Não experimentou a frustração de um Machado de Assis, a quem Bocayuva escreveu: “As tuas comédias são para serem lidas e não representadas”. (Machado de Assis, pág. 11).

Como contista, Arthur Azevedo tem sido um pouco mais feliz. A antologia do Dr. Eugenio Werneck (aprovada e mandada adotar nas escolas do Distrito Federal, aprovada pelos conselhos superiores de instrução dos Estados do Rio de Janeiro, Minas, Pará, Paraná, Santa Catarina, adotada na Escola Normal de Belo Horizonte, etc., etc.) tem oferecido a sucessivas gerações de colegiais o deleitável humor das páginas de *O plebiscito*. Barbosa e Cavalheiro também escolheram este conto para sua valiosa crestomatia, enquanto para sua *Antologia de Contos Brasileiros*, Donatello Grieco elegeu *Um ingrato*, onde o costumado humor do contista se transforma num quase cinismo.

Esporadicamente, em jornais e revistas, publicam-se de novo alguns contos de Azevedo. A maior parte dêles, porém, são hoje desconhecidos. Mesmo nos últimos anos da vida do autor, já passavam ao olvido, ou porque recreavam uma sociedade “fóra da moda” ou porque careciam do estilo eufuístico que começava a infectar a prosa de seus contemporâneos. O autor mesmo, tendo escolhido o título *Contos fóra da moda* para sua coleção publicada em 1893, tinha irônicamente prognosticado o fato.

Creio que estou antecipando, porque antes, a julgarmos pelas palavras do autor e pelo número das edições dos seus contos, Azevedo o contista gozava de uma popularidade comparável à de Azevedo o dramaturgo. Num pequeno prefácio a primeira edição dos *Contos fóra da moda*, êle escreveu: “A lisonjeira aceitação que tiveram os *Contos possíveis*, anima-me a publicar os *Contos fóra da moda*. Intitulei-os assim, porque sou o primeiro a reconhecer que elles estão inteiramente afastados do actual movimento litterario, isto é, foram escritos sem preocupação de psychologia nem gymnastica de estylo. . .” Para a segunda edição de 1901, êle acrescentou o seguinte:

“A primeira edição deste livrinho de litteratura amena logrou um êxito com que eu não contava. O editor comunicou-me que em menos de un mez desapareceram todos os exemplares expostos á venda, e a imprensa não foi menos generosa que o publico.

“Apenas um jornalista aggreuiu a obra, mas esse mesmo fechava com as seguintes palavras o seu artigo de critica: ‘De resto, como simples obra recreativa, os *Contos fóra da moda* têm seu valor especial’.

“Como outro não foi o meu intento senão fazer uma ‘simples obra recreativa’, bastava essa declaração de uma penna insuspeita para que eu autorisasse esta segunda edição.”<sup>4</sup>

Os pareceres contemporâneos, infelizmente, não são bem distintos do que escreveu aquêle jornalista de 1901. Hoje, como ontem, continua inexoravelmente a vetusta discussão dos valores estéticos. E como acontece sempre ao considerarem-se categorias de valores, os absolutistas, apoiados pela tradição, fatalmente hão de sair vitoriosos. Uma obra de arte, segundo o conceito absoluto, tem como função principal a de nos oferecer algum exemplo inspirador, uma verdade universal, ou, nas palavras de Pierre Louys, “uma profundidade de emoção humana”. Porisso, imagino, a grande maioria dos contistas, conscientes de certas limitações genéricas, e desejosos de criar uma obra digna de ser chamada “arte”, têm procurado evocar um ambiente trágico. Na luta: homem-natureza, têrmo dialéctico que peço emprestado a Floriano Gonçalves,<sup>5</sup> êles têm preferido mostrar o homem vencido pelas forças superiores. Nem toda tragédia é cósmica, porém, nem é sempre triste a vida do homem. Para Azevedo, o mundo carioca que êle observava e imortalizava em seus contos foi um rico tecido de risos e lágrimas, de franquezas e vaidades, de pequenos triunfos, e derrotas não menos amargas por serem menores. E sua arte é singela, tão singela como seus temas.

<sup>4</sup> Os trechos citados sao da terceira edição: Rio de Janeiro, Garnier, 1908.

<sup>5</sup> Veja-se o seu “Ensaio de Interpretação” em Graciliano Ramos, *Caetés*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

Ao avaliar o talento de Arthur Azevedo, Edgard Cavalheiro respeita primeiro os conceitos solenes dos absolutistas, mas depois tempera um pouco a sentença por aditar um elogio:

“Pode-se discutir o valor da sua obra. E’ inegável, porém, que, no ramo que escolheu e cultivou com tanta graça e espírito, êle foi um mestre”.<sup>6</sup> José Osório de Oliveira se exprime de uma maneira mais direta. Diz em prefácio a sua segunda antologia, *Contos do Brasil*: “omiti, por um preconceito contra os escritores ligeiros, Arthur Azevedo, embora alguma coisa do autor dos *Contos Efêmeros*, merece sobreviver. . .”<sup>7</sup>

O antologista tem direito a suas preferências, como aliás todos nós as temos. São muitos os que se enfastiam do teatro dos Alvarez Quintero com seus cuadros tão alegres de tipos e costumes andaluzes. Outros tantos há para quem o mundo neo-Restauração de Wilde é uma coisa morta, e os contos de Maupassant, pelo menos os que não vestem o indumento irônico-trágico de *La ficelle*, *La parure*, ou *Boule de Suif*, lhes produzem enorme cansaço. E’ uma questão de preferências, as quais não impugnam de forma alguma a integridade estética da obra rejeitada. Mas a questão do valor discutível dos contos de Azevedo merece a nossa ponderação. Porquê serão de valor discutível? Será por causa da nota humorística ou a feição irônica que anima muitos dêles? Se for assim, que é que diremos de Machado de Assis e seus contos como *Almas agradecidas*, *O segredo de Augusta*, *Quem conta um conto. . .*, *Curta história*, *O relógio de ouro*, *Aurora sem dia*, *A Igreja do Diabo*? Com certeza podemos repetir o que disse Barretto Filho a respeito do humor machadiano; “Machado tem, desde cedo, a intuição de que o humor e até a sátira podem servir como um poderoso reactivo para galvanizar o interesse; mas essa intuição confusa ainda está longe de desenvolver todas as suas virtualidades, por timidez na sua utilização e por insciencia da maneira exacta de applica-la. Sente-se que não é um humorista por índole, e a sua graça chega muitas ve-

<sup>6</sup> *Evolução do Conto Brasileiro*, Os Cadernos de Cultura, no. 74 (Serviço de Documentação, Ministério da Educação e Cultura), Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1954; p. 103.

<sup>7</sup> Veja-se seu ensaio “Machado de Assis”, em *Revista do Brasil*, Anno IV, 3ª phase, no. 36, maio, 1941; p. 103.

zes ao mau-gosto.”<sup>8</sup> E como Barretto Filho, não lhe desprezamos nem o humor nem a sátira, mas sim notamos com pena, o fracasso destas primeiras tentativas de índole jocosamente satírica, das quais *Miss Dollar* e *A Mulher de preto* são ótimos exemplos. No caso de Azevedo, longe de desprezar a sátira e o humor de suas páginas havemos de estimar o jeito com que aproveita “esses poderosos reactivos”.

Esta questão do valor discutível dos contos de Arthur Azevedo faz o pensamento voar rumo a novas comparações — Lima Barreto, *O homem que sabia javanês*; Monteiro Lobato, *O fígado indiscreto*, *O colocador de pronomes*; Mario de Andrade, *Menina de olho no fundo*; Alcântara Machado, *Miss Corisco*. Todos são exemplos honrados do gênero satírico-cômico e para todos eles o leitor achará paralelos, modestos mas respeitáveis, entre os contos que formam o conteúdo de *O dia de finados*, *Contos efêmeros*, *Contos possíveis*, *Contos fóra da moda*, ou *Contos cariocas*.

Ora é certo que *O plebiscito*, esse quadro encantador de uma família carioca, onde Azevedo nos apresenta uma miniatura da vida burguesa do século passado, é da casta dos Quintero (penso logo nessa pequema jóia dêles, *El patio*). E tal vez tenha interesse notar que as duas *Cenas da vida carioca* de Marques Rebelo, sendo uma elaboração do mesmo estilo e técnica empregados em *O plebiscito*, bem poderiam ser rejeitadas também por serem “ligeiras”.

Há outros exemplos onde a veia espirituosa de Azevedo atinge um degráu comparável ao de *O plebiscito*. Em *Romantismo*, o contista não sómente ridiculiza toda a geração dos Rodolfos e Alfredos, mas esboça um retrato da adolescência universal. Aquí o estilo e o espírito trazem fortes lembranças de Mesonero Romanos e seu conhecido ensaio sobre um rapaz cujas idéias romanescas lhe têm aturdido o juízo. E’ um conto singelo, um pequeno estudio psicológico onde não há nem mensagem filosófica nem intenção didáctica. E’, se quiser, um conto ligeiro, e ligeiro é também *Os cacaréos*, onde o Freitas, comerciante jubilado, cae na mania dos leilões, e para desespêro da esposa enche

<sup>8</sup> José Osório de Oliveira, *Contos do Brasil*, selecção, prefácio e notas; *Antologias Universais*, XII, Lisboa, Portugália, s.d.

a casa com o resultado de suas pechinchas— até a velha se entender com o leiloeiro; desaparecem cómodas, canapés, cadeiras, mas alguns dias depois, após o Freitas ter dito misteriosamente a dona Sérvula, “Fiz hoje uma pechincha como ainda não tinha feito nenhuma!”, voltam os mesmos cacaréos . . . e outros mais.

Quase triviais são *Sua Excellencia, Confissão de uma noiva, O cuscus e Pipi*. Trata o primeiro de um pequeno funcionário subalterno obrigado a colaborar com sua excelência, o presidente, num jogo de salão; no segundo uma moça com sonhos de literata, escreve anônimamente uma fantasia atrevida baseada nas confidências de uma amiga recém-casada, e envia a obra a um jornal; sua ambição literária morre quando seu pai esconde a folha, explicando que vem nela “uma história muito inmoral intitulado *Confissão de uma noiva; O cuscus* descreve as proezas pantagruélicas de um gulosão capaz de ter ameaçado o abastecimento alimentício das bodas de Camacho. O último conto refere a inocente indiscrição de uma criança. São contos anedóticos, e se tivesse de se apoiar nêles, o valor da obra de Azevedo nem seria discutível.

Mas, um crítico que se limitar a estudar a-tôa vários exemplos isolados da obra de Azevedo, não adquirirá a perspectiva imprescindível a quem pretender descobrir o segredo da arte do contista. Azevedo, realista equilibrado, observava o Rio vitoriano desde o alto do Corcovado. Na sua visão entravam incidentes ligeiros, cenas risíveis ou irônicas da vida quotidiana dessa humanidade carioca. E no seu panorama Azevedo observava tragédias, não as enormes, violentas tragédias cósmicas, mas sim as pequenas que são reservadas especialmente pelas classes médias e essas almas condenadas a viverem nas margens da sociedade granfina: *O Contrabando*, onde o Geraldo se acha incapaz de aliviar na paixão a dor da viuvez e da morte de uma filha querida; *A “Dona Branca”*, uma história motivada por elementos que encontramos nas peças de um García Lorca, mas que Azevedo apresenta nos meios-tons do drama interior; *Questão de honra*, que é um amargo estudo de caracteres fracos e irresponsáveis, em que o passatempo predileto do marido é brunnir as unhas, e sua esposa, porque não tem os quinhentos milrêis necessários para comprar um vestido (é uma questão de honra

porque a Laurita Lobo também quer ficar com êle) se vende a um admirador; *Coincidência*, onde a lembrança do primeiro amor, terminado brutalmente pelo destino, vem estragar a alegria da esposa. Todos representam muito bem os aspetos negros e cinzentos que dão relêvo às cores mais alegres da *comédie humaine*. Os contos de Azevedo em conjunto formam um magnífico quadro panorâmico da Cidade Maravilhosa, a qual, com ser uma projeção da vida urbana da Europa, conservava, todavia, um caráter bem distinto. Em seu nível modesto, Azevedo fez pelo seu Rio de fins do século o que Manuel Antônio de Almeida tinha feito pelo Rio "no tempo do rei".

Eu acho, porém, que o principal valor dos contos de Azevedo está na técnica de sua composição. Machado de Assis, grande admirador e até discípulo de Edgar Allan Poe, reconheceu no conto um gênero artístico, simples e fácil nas aparências, mas que na realidade oferece problemas e dificuldades comparáveis aos das demais categorias literárias. Arthur Azevedo, ainda mais que Machado, confirma em seus contos as teorias de Anton Chekhov sobre o conto e o teatro, e as convenções semelhantes que governam ambos os gêneros. Azevedo, o único dramaturgo de mérito de sua geração, trouxe aos seus contos a impressão de uma ação imediata. O leitor observa desde sua cadeira de braços a tragi-comédia da vida burguesa, representada num palco engenhosamente disfarçado pela ilusão da realidade, esse elemento tão desejável mas tão esquivo. Azevedo soube criá-la para os seus leitores porque se empenhava em apresentar com reticência a situação ou a ação, sugerindo em vez de afirmar. O conteúdo descritivo é discreto, limitado ao mero essencial; pois o contista, mestre do diálogo natural e verossímil, e consciente das virtudes dêste aspeto técnico, o favoreceu nas suas narrações, e, ao favorecê-lo, deu vida e substância a seus personagens. Antecipou nisso o gênio de Hemingway (*The Killers*) e John Collier cujo conto, *The Tender Age* (publicado no *New Yorker* de 10 de março de 1956), é um exemplo recente de um conto inteiro escrito em diálogos.

Azevedo, respondendo a seus instintos de dramaturgo, cultivou o efeito dramático nos seus contos, e trouxe a êles quase automaticamente uma nítida e natural simplicidade de estilo. Num



momento em que a maior parte dos prosistas e poetas brasileiros escreviam numa linguagem cada vez mais ornamentada e artificial, a honestidade estilística de Arthur Azevedo era um farol de bom senso e de bom gosto. Os quadros às vezes nostálgicos com que imortalizou esse mundo urbano do Brasil de fins do Império e princípios da República, a técnica instintiva que contribuiu a um gênero nascente, a naturalidade e singeleza de estilo tão necessárias numa época em que a artificialidade parnasiana atenuava a fé do leitor brasileiro na literatura nacional, são *valores indiscutíveis* que fazem Arthur Azevedo merecedor de um nicho honrado no desenvolvimento do conto brasileiro.

C. MALCOLM BATCHELOR  
*Yale University*

